

## MATA ATLÂNTICA

Uma edição inteira dedicada a projetos e pessoas que lutam pela conservação de um dos biomas mais ricos e ameaçados do nosso país.

## GRANDES MAMÍFEROS DA SERRA DO MAR

Esforços de pesquisadores que adentram as matas em busca de informações e conhecimento sobre os grandes animais da Mata Atlântica.

Edição nº 6 - Projeto Boto-Cinza/IPeC

Distribuição Gratuita

## GRANDE RESERVA MATA ATLÂNTICA

Conheça essa iniciativa que desde 2018 junta esforços para a conservação do maior remanescente dessa floresta.

## CAMPO, CÂMERA & AÇÃO

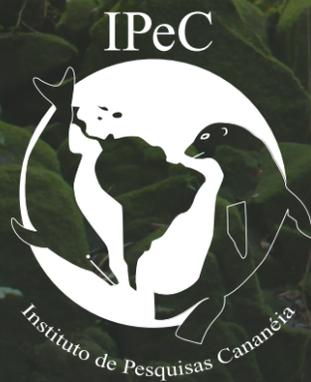
Saiba mais sobre o trabalho cinematográfico para documentários da vida selvagem.

REVISTA

# EXPEDIÇÃO

,  
*de campo*

REVISTA **EXPEDICÃO**  
*de campo*



*“Promovendo estudos e ações em defesa do patrimônio natural, respeitando hábitos, costumes e práticas locais.”*

[www.ipecpesquisas.org.br](http://www.ipecpesquisas.org.br)  
@ipecpesquisas

Realização:



Patrocínio:



**PETROBRAS**



**PÁTRIA AMADA  
BRASIL**  
GOVERNO FEDERAL

# SUMÁRIO

- 08 Grande Reserva Mata Atlântica
- 12 Pelas Lentes da Conservação
- 20 Animais da Mata Atlântica
- 22 Um olho na pandemia e... o outro nas aves!
- 28 A Nova Barra de Cananéia
- 30 Grandes Mamíferos da Serra do Mar
- 38 Zoom De Olho no Manguezal
- 39 Dicas para Ler, Ver e Ouvir

# REVISTA EXPEDIÇÃO DE CAMPO

## Projeto Gráfico

Mariane Barbosa Santos Novelli

## Edição e Conteúdo

Caio Noritake Louzada

Emygdio L. A. Monteiro Filho

## Revisão

Bárbara Kellin Coghi

## Fotografias

Capa: Emygdio L. A. Monteiro Filho

2ª capa: Mariana Landis

4ª capa: Caio Noritake Louzada

## Infográfico

Execução: Jovens Pesquisadores

Orientação: Bárbara Coghi

Supervisão: Danielly Moreira



## Instituto de Pesquisas Cananéia

### Diretor Presidente

Emygdio L. A. Monteiro Filho

### Diretora Administrativa

Karin D. K. A. Monteiro

### Diretor Financeiro

Caio Noritake Louzada



## Equipe Projeto Boto-Cinza

Ana América L. S. X. Nardes (JP)

Ana Carolina Rodrigues Pereira (JP)

Bárbara Kellin Coghi

Caio Noritake Louzada

Clarissa Ribeiro Teixeira

Danielly C. X. A. Moreira

Ellen Fernandes Freitas

Emygdio L. A. Monteiro Filho

Eric Medeiros

Frederico Marques Neves

Juan Pedro L. K. Fonseca (JP)

Julia Cavalli Pierry

Kailaine Camargo (JP)

Kelly Cristina Araújo Pansard

Letícia Rodrigues de Oliveira Pires (JP)

Lívia Lopes Filholino Oliveira (JP)

Maria Clara Aparecida Alves (JP)

Mariane Barbosa Santos Novelli

Nathalia Maria Pontes (JP)

Rebeca Pires Wanderley

Silvia Barreira Zambuzi

Vitória Caroline Alves De Barros (JP)

Wivian Aparecida Barreto Mendes (JP)

# EDITORIAL

Temos o prazer de produzir e lançar mais uma edição da Revista Expedição de Campo. Um espaço tão importante para divulgar as atividades de pesquisa que muitas vezes ficam restritas apenas ao ambiente acadêmico.

Poder compartilhar com o maior número de pessoas as conquistas e dificuldades que cada etapa do processo da pesquisa científica possui é ao mesmo tempo desafiador e gratificante. Principalmente quando compartilhamos com vocês as grandes conquistas dos nossos projetos.

Nesta edição escolhemos homenagear um bioma que desde a chegada dos europeus no Brasil é sacrificado, mas ainda resiste. Afinal, estamos no maior trecho de remanescente contínuo de Mata Atlântica existente em nosso país e temos atuado arduamente para conservação desse bioma tão importante em termos de biodiversidade.

Embarque nesta expedição para conhecer projetos e iniciativas que têm unido esforços de diferentes pessoas que respiram e inspiram a conservação da Mata Atlântica.

Uma boa leitura,

**Caio Noritake Louzada**

Coordenador do Projeto Boto-Cinza

## PROGRAMA JOVEM PESQUISADOR

Este ano o Programa Jovem Pesquisador conta com a participação de dez bolsistas. Os jovens foram selecionados nas escolas estaduais do município de Cananéia para participar das atividades desenvolvidas pelo Projeto Boto-Cinza.

Durante o ano de 2020 todas as atividades foram executadas de forma remota, através de chamadas de vídeo. Já em meados de 2021, com os dez jovens atuando no programa, as atividades começaram a acontecer de forma híbrida, com algumas atividades presenciais, seguindo todos os protocolos de segurança. Os jovens tiveram a oportunidade de conhecer mais sobre o boto-cinza, conhecer a sede do Projeto Boto-Cinza, desenvolver atividades de educação ambiental, sair para campo com os pesquisadores para conhecer as linhas de pesquisa na prática e muito mais. O objetivo do Programa Jovem Pesquisador é convidar os jovens para participar das atividades realizadas pelo Projeto Boto-Cinza, tornando-os ativos nas ações socioambientais desenvolvidas em diferentes contextos sobre o boto-cinza na região de Cananéia. **Foto:** Mariane Novelli



## LANÇAMENTO ANIMAÇÃO “GRANDE ENCONTRO – ANIMAÇÃO DA MÚSICA DE BELL BANDEIRA”

No dia 12 de outubro de 2021, em homenagem ao Dia das Crianças, foi lançada a animação da música “Grande Encontro” de Bell Bandeira.

Bell compôs essa música especialmente para o Projeto Boto-Cinza. A animação foi feita pela equipe do Estúdio Rizoma e apresenta todos os animais da Turma do Zinho na versão filhote, além de lindas paisagens do nosso Lagamar. O Lagamar! É um lindo lugar, o Lagamar!



Camargo, com o objetivo de contribuir para a formação dos educadores e funcionários em relação às temáticas ambientais. Vinte profissionais participaram do curso que contou com três módulos e abordou temas como o ambiente ao nosso entorno, alimentação sustentável e educação ambiental. Ao final do curso, como encerramento, foi realizada uma atividade prática de estudo do meio, em que os participantes embarcaram em uma escuna para observação do boto-cinza, trilha didática sobre o manguezal na Ilha do Cardoso e visita ao museu no núcleo Perequê. A atividade contou com a participação voluntária da Ana Marcela Di Dea Bergamasco, da Gerência Executiva de Responsabilidade Social da Petrobras, que acompanhou as atividades juntamente com os professores. **Foto:** Mariane Novelli

## CURSO EDUCAÇÃO SOCIOAMBIENTAL: CAMINHOS E DESCOBERTAS

De outubro de 2020 a outubro de 2021 aconteceu o curso on-line “Educação Socioambiental: caminhos e descobertas”, oferecido pelo Projeto Boto-Cinza para a Escola Municipal Deborah Silva



## NOVO ESPAÇO INAUGURADO NA SEDE DO IPEC

A sede do Projeto Boto-Cinza recebeu uma importante ampliação em seu espaço para desenvolver as atividades. Em 17 de dezembro de 2021 foi inaugurado o novo prédio batizado de “Espaço Reinaldo Rosa Ribeiro”, em homenagem a Seu Marapé, saudoso mestre das embarcações do IPEC e grande amigo de toda equipe.

O prédio de dois andares conta com escritório, biblioteca e espaço para cursos, além de auditório para reuniões e demais eventos. O novo espaço já está sendo utilizado pelos associados e pesquisadores durante o dia a dia e no desenvolvimento das atividades com os Jovens Pesquisadores. Fiquem ligados que muitas atividades estão previstas para ocorrer nesse local. **Foto:** Caio Noritake

# Grande Reserva Mata Atlântica

um patrimônio ao alcance do mundo

Por Ricardo Borges • Coordenador da Grande Reserva Mata Atlântica pela SPVS

Utilize a  
câmera do seu  
celular para ler o  
QR code e acessar  
as redes sociais da  
iniciativa!



Não é novidade que o bioma **Mata Atlântica** é um dos mais importantes e biodiversos em todo o mundo. Essa exuberante floresta tropical uma vez já cobriu grande parte da costa brasileira, do Estado do Rio Grande do Norte ao Estado do Rio Grande do Sul, se estendendo continente adentro até o Paraguai. Sua importância prevalece no dia a dia dos brasileiros até hoje, sendo a casa de 70% da população e concentrando 72% do PIB nacional, além de uma importante fonte de recursos hídricos e outros serviços ecossistêmicos. Porém, após centenas de anos de exploração extrativista e de intensa modificação da paisagem, restam apenas cerca de 7% de sua cobertura original em bom estado de conservação.

Neste contexto, surge a iniciativa **Grande Reserva Mata Atlântica**, lançada em 2018 para fortalecer e consolidar a conservação da natureza e o desenvolvimento sustentável no maior remanescente contínuo desse bioma em todo o mundo.

O movimento contempla 2,2 milhões de hectares de ecossistemas terrestres e outros 1,8 milhões de hectares de ecossistemas marinho-costeiros distribuídos por 50 municípios em três estados, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Esse território concentra mais de 110 Unidades de Conservação de quase todas as categorias, sendo que 1/3 do território está integralmente protegido enquanto 2/3 se encontram em áreas de uso sustentável.

A Grande Reserva Mata Atlântica representa uma enorme oportunidade para que o Brasil aplique como uma estratégia de desenvolvimento local o conceito de Produção de Natureza, que consiste em reconhecer o importante papel que as Unidades de Conservação e outras áreas protegidas desempenham para garantir não só a biodiversidade, mas também os patrimônios cultural e histórico, valorizando esses ativos como propulsores de diversas atividades econômicas. Esse modelo prioriza uma economia restaurativa, que garante

a proteção de ativos ambientais, culturais e históricos, fortalecendo as comunidades locais em prol da geração de emprego e renda, de modo a garantir a qualidade e o modo de vida das pessoas.

Hoje, mais de 350 pessoas participam da Rede de Portais da Grande Reserva Mata Atlântica nos três estados. Entre elas, estão representantes de comunidades tradicionais, empresários, instituições do terceiro setor, academia, prefeituras, governos, entre outros. Esse grupo atua para fortalecer ações convergentes já em andamento no território e catalisar iniciativas e campanhas promovidas pelos membros. A dinâmica consiste em reuniões mensais por estado e acompanhamento dos diversos grupos de trabalho criados para tratar de temas específicos. Toda a sociedade é convidada a participar, sendo apenas necessária a assinatura de uma Carta de Princípios que traz uma visão compartilhada de futuro para essa região.

Um dos principais pilares da iniciativa é o desenvolvimento dessa região como um dos prin-

cipais destinos nacionais de Turismo de Natureza, com potencial inclusive para se destacar internacionalmente nesse mercado. Visitantes interessados em conhecer mais sobre a região, seus principais roteiros, atrativos e atividades podem acessar a Página de Vendas, desenvolvida e promovida em parceria com parceiros locais.

A iniciativa também se tornou conhecida pela produção de conteúdos exclusivos de comunicação, como a série “Histórias da Grande Reserva Mata Atlântica”, que relata as riquezas locais pelos olhos de pessoas inspiradoras que dedicam a vida para esse território. O conteúdo já conquistou espaço em canais de TV aberta, TV por assinatura, canais de streaming e pode ser assistido na íntegra no canal do YouTube da iniciativa.

Para acompanhar a Grande Reserva Mata Atlântica, obter mais informações e contatos, é só acessar o website no QR code acima e as páginas oficiais no Instagram e Facebook.



Foto: Gabriel Marchi

Foto: Ricardo Borges

# PELAS LENTES DA CONSERVAÇÃO

Por Julia Cavalli Pierry

Quem nunca se encantou assistindo documentários ou reportagens sobre a vida selvagem e ainda aprendeu várias curiosidades que nem imaginava sobre os animais, seus comportamentos e o lugar onde vivem? Não sei vocês, mas eu fui uma criança fascinada pela natureza e adorava assistir “o canal dos bichos” com meu pai. Cresci encantada com tantas informações e imagens marcantes, me tornei bióloga e hoje assisto a esses documentários com o mesmo fascínio de quando era criança. Mas hoje também tenho a consciência do quão desafiador deve ser realizar esse trabalho e ao mesmo tempo sei da importância de ser feito e divulgado ao máximo de pessoas interessadas possível.

Considero o documentário uma ferramenta importantíssima para sensibilizar as pessoas e despertar a vontade de ajudar na conservação. A trilha sonora, o enredo, a narrativa e o conjunto de imagens em sincronia resultam em uma expressão artística de divulgação científica, capaz de informar conhecimentos de suma importância ao mesmo tempo que nos comove e desperta afeto, empatia e senso de pertencimento em relação à natureza. Toda essa mistura de técnicas, conhecimentos e emoções nos dão a compreensão racional e emocional da importância e urgência de ações efetivas para a conservação da biodiversidade brasileira.

Entrevistei Gabriel Marchi, que é profissional da área e realizou um trabalho incrível sobre a Mata Atlântica, para entendermos um pouco mais sobre essa atuação profissional.

**1. VOCÊ É FOTÓGRAFO E CINEGRAFISTA DE VIDA SELVAGEM. COMO FOI O CAMINHO PARA SE ESPECIALIZAR NESSA PROFISSÃO? SEMPRE QUIS DOCUMENTAR A NATUREZA?**

Eu sempre quis trabalhar com vida selvagem, isso é um sonho de criança que se tornou objetivo profissional. Eu sou jornalista por formação e aprendi a contar histórias através da imagem, o processo cinematográfico da produção documental. A oportunidade de me aventurar no caminho da produção cinematográfica para vida selvagem surgiu com a Grande Reserva Mata Atlântica, onde vi a chance de mostrar a natureza que há do lado de casa ao invés de viajar para o Pantanal, onde todo mundo me dizia que eu deveria ir para me tornar um documentarista de natureza.

**2. QUAL A SENSÇÃO QUANDO CONSEGUE REGISTRAR ALGUM ANIMAL OU COMPORTAMENTO PELA PRIMEIRA VEZ?**

A sensação não está no registro, está no encontro. A forma como eu observo esse encontro pode ser vista no resultado final da fotografia ou da cena. A sensação ao estar diante de um animal, seja de uma pequena saíra ou de uma grande anta, é de confiança. O animal confiou em mim e eu confiei nele. Naquele instante em que trocamos olhares, porque é inevitável, não passamos despercebidos, o animal sabe que estamos ali observando e, por um momento, ele confiou que eu não faria mal a ele e nem ele a mim. Isso é perceptível, porque trocamos olhares, faço questão de olhar bem no fundo dos olhos de cada animal, até para entender como ele está se sentindo com a minha presença. O comportamento é consequência dessa confiança. Se ele se sente confortável comigo observando, ele age naturalmente e eu posso documentar isso com facilidade.

**3. VOCÊ SE SENTE REALIZADO TRABALHANDO COM ISSO? O QUE MAIS TE MOTIVA A SEGUIR?**

Realizado sim, com toda certeza. A

minha motivação é a mesma que a de um biólogo ou conservacionista, a proteção desses ambientes naturais e a vida que lá habita. Mas tem um lado particular também. Eu me sinto muito bem na natureza, na floresta, em uma região longe do agito da cidade. Adoro o silêncio, que é muito necessário para obter ótimos registros, adoro a conexão que é preciso fazer com o ambiente e amo, com todas as minhas forças, os encontros com as espécies. É um presente toda vez que estou documentando e eles fazem algo do cotidiano diante da câmera, não tem nem como explicar, só estando lá para entender o que é isso.

**4. QUAIS SÃO OS MAIORES DESAFIOS DESSA PROFISSÃO E QUE DICA VOCÊ DARIA PARA QUEM SONHA EM TRILHAR UM CAMINHO PARCADO?**

A Mata Atlântica é um ambiente desafiador, a dificuldade de avistamento torna os primeiros passos bem difíceis. Sem contar que o ecossistema variado torna o caminho até a fotografia, ou cena, bem complicado. Então, o maior desafio é não desanimar nas primeiras tentativas, superar as adversidades e seguir tentando fotografar. A dica que eu deixo para quem quiser trilhar um caminho como esse é: ter uma boa fotografia não é o suficiente, é necessário contar uma história, envolver a audiência, saber qual o público-alvo que irá consumir esse conteúdo. Uma boa fotografia se torna um ótimo quadro, uma boa história se torna um ótimo filme. Faça fotografias para as pessoas apreciarem, é especial estar diante de um animal selvagem, nem todo mundo terá a oportunidade de ver um, o mínimo que podemos fazer é levar essa história para essas pessoas.

**5. ATUALMENTE VOCÊ ESTÁ FILMANDO NA GRANDE RESERVA MATA ATLÂNTICA. CONTA UM POUCO SOBRE O OBJETIVO DESSAS EXPEDIÇÕES.**

A Grande Reserva Mata Atlântica é o maior contínuo desse bioma em todo o plane-

Foto: Ricardo Borges



ta, que se estende de Santa Catarina até São Paulo, um grande caminho verde no sul do país. As expedições da Grande Reserva foram para documentar toda a diversidade de assuntos que existem dentro desse território, seja fauna, ecossistema, cultura, gastronomia, desenvolvimento local, entre vários outros temas. A proposta é expor em cada episódio histórias únicas e inspiradoras que ocorrem aqui. Isso resultou em 30 episódios documentais, separados em três temporadas.

#### **6. COMO SE SENTE REALIZANDO ESSE TRABALHO NA MATA ATLÂNTICA? O QUE MAIS GOSTOU DE REGISTRAR NESSE PROJETO?**

Foi o trabalho que me abriu as portas para produzir conteúdo para a conservação. Sinto que o meu trabalho tem um propósito, que ele pode ajudar de alguma forma a natureza brasileira, servindo como um meio para atingir as pessoas em prol de uma educação ambiental e também da admiração pelo território. Não há nada melhor que descobrir que seu trabalho, independente de qual for, agrega ao mundo para torná-lo um pouco melhor para todos. Ele deixa de ser um trabalho, se torna um estilo de vida.

#### **7. COMO FAZEM PARA ENCONTRAR OS ANIMAIS QUE DESEJAM REGISTRAR E QUAIS FORAM OS MAIORES DESAFIOS DESSE PROJETO?**

Não existe isso de ser pego de surpresa. Se o animal apareceu do nada e você “perdeu a foto”, saiba que a foto nunca existiu, porque você não estava preparado desde o princípio. Esse é um pensamento animador. Então é necessário ir em locais onde você saiba que tem animais lá, isso só com a ajuda de biólogos e guias locais, que informam quais espécies existem na região e qual o melhor momento para os registros. Com isso eu faço um plano de filmagem ou de fotografia, não rola fazer os dois juntos, você precisa fazer uma escolha. Como no caso do bicudinho-do-brejo, onde fomos preparados para documentar a construção

do ninho. Você deve estar com o equipamento pronto para isso e não desviar do planejamento. Se a ideia é filmar o bicudinho, então vá filmar o bicudinho. “Mas olha, apareceu um guará”, nessa hora eu sou frio, faço uma análise do quanto isso impactará o objetivo principal e tomo uma decisão. Esse é o maior desafio, manter o foco, ainda mais quando há outras pessoas contigo. Entenda o que você precisa, o que você foi buscar e se comprometa com isso.

Vou contar o caso do registro da “pesca associativa” entre atobás e boto-cinza, que documentei na região da Ilha do Cardoso. A água da baía é escura, o boto mergulha várias vezes e desaparece com frequência. Para fazer as imagens, eu preciso do movimento completo do boto, a cena não pode chicotear, ficar fora de foco ou não ter o movimento todo. É necessário manter uma qualidade estética em cada cena para que se torne um documentário profissional. Entendendo isso, há um momento de euforia no barco em que estamos, há mais três pessoas fotografando. Cada uma vê o boto saltando de um lado do barco e todos ficam “tá ali, olha ali, você tá perdendo, estão aqui!”. Aqui é necessário muito sangue frio e confiança, porque no instante em que eu der ouvido a eles, o boto irá aparecer exatamente onde eu estava aguardando. Então paciência, sangue frio, saber qual cena eu quero e aguardar. O maior desafio é esse, confiar no seu “feeling”.

#### **8. QUANTO TEMPO COSTUMA LEVAR PARA CAPTURAR AS IMAGENS NECESSÁRIAS PARA UM PROJETO COMO ESSE? VOCÊ COSTUMA TRABALHAR COM UMA EQUIPE? CONTA UM POUCO SOBRE A ROTINA DE CAMPO DE VOCÊS!**

No caso, levamos três anos para produzir a série toda. São meses de roteiro e planejamento, definição de personagens, temas e logística. As gravações são mais rápidas, mas podem levar de 3 a 4 dias em cada lugar que visitamos. A pós-produção, ou edição, leva meses e é o processo mais demorado. A equipe é pequena, geralmente eu vou com um guia

local e biólogo, a equipe audiovisual é quase nula, porque muitos lugares são de difícil acesso e o transporte não comporta toda uma equipe cinematográfica.

Viajamos para locais distantes e com pouco acesso à internet, então, ficamos desconectados por um longo período, o que é ótimo, foco e dedicação total na produção. Visitamos comunidades indígenas, quilombolas e por vezes acampamos ou ficamos em alojamentos. Não temos horário, às vezes acordamos cedo, pegamos chuva, ficamos horas com água até a cintura, longos trajetos de barco e muita, mas muita trilha. Tudo isso para buscarmos locais únicos e revelar o paraíso escondido que tem dentro da Grande Reserva Mata Atlântica.

#### 9. COM SUA EXPERIÊNCIA, QUAL SUA OPINIÃO SOBRE OS PROJETOS DE CONSERVAÇÃO E A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DESENVOLVIDO POR ELES?

Um projeto de conservação é o que mantém a salvo um animal ou ambiente natural da força destrutiva de uma sociedade desinformada. A não compreensão sobre a natureza e sua importância é o pior inimigo e os projetos estão aí para mudar isso, com as ações de educação ambiental e a luta por melhores políticas públicas. Vivemos uma época em que se nega a ciência e estamos vendo a consequência disso.

#### 10. FALA UM POUCO SOBRE COMO O SEU TRABALHO PODE CONTRIBUIR NA CONSERVAÇÃO AMBIENTAL.

A comunicação é importantíssima para evidenciar as ações, e os resultados das mesmas, dos projetos de conservação. Comunicar o que vem sendo feito, através de imagens de qualidade e um "storytelling" (narrativa) conectando todos os pontos, é essencial para atrair a atenção do público, principalmente o público que desconhece o que tem sido feito em prol da conservação, seja regional ou nacional. O material audiovisual também auxilia interna-

mente os projetos para atingir novos financiadores ou a gestão pública, sensibilizando o espectador. A comunicação audiovisual, o documentário, é um produto que eleva a imagem do projeto, dando a visibilidade necessária para gerar pertencimento, educação e sensibilização, além de aproximar e envolver o público leigo.

#### 11. QUAL SUA MAIOR REALIZAÇÃO PROFISSIONAL ATÉ AGORA? E QUAL O PRÓXIMO OBJETIVO?

Eu acredito que uma realização profissional está diretamente ligada no potencial que o seu trabalho tem em ajudar a transformar o mundo em que vivemos. Quando digo "mundo", não precisamos fantasiar que seja o planeta todo, mas sim o mundo ao nosso redor, esse universo próprio que vivemos, se o meu trabalho atingir e mudar uma pessoa, já me sinto realizado. No caso da Grande Reserva, estamos mudando o pensamento de várias pessoas, municípios, políticas públicas, além de enaltecer um território vasto e as pessoas que ali vivem. Isso é realização profissional, quando o meu trabalho traz um retorno não apenas para mim, mas para diversos outros atores que estão tão envolvidos quanto eu naquele mesmo contexto.

O próximo objetivo? O meu objetivo é que as pessoas conheçam as maravilhas naturais que temos aqui, que meu material possa gerar uma educação ambiental na população, sensação de pertencimento e que isso gere a proteção da nossa natureza. Além disso, criar métodos adequados para o registro da vida selvagem, mantendo o zelo de não estressar o animal ou diminuir o impacto da presença humana durante os registros.

Enquanto bióloga, conservacionista e aspirante a fotógrafa me sinto muito inspirada e motivada quando leio sobre as experiências de outras pessoas. Relatos assim são importantes, para além disso, para comunicar qualquer pessoa interessada sobre como é viver essa profissão e a importância de trabalhos de divulgação científica. Quanto mais pessoas conhecerem quão incrível é a natureza, quão encantadores são os animais e seus comportamentos e quão importante é a conservação de ambientes naturais para todas e todos, mais a luta por esse objetivo ganha força. Que sigamos inspirando uns aos outros, mudando nossos hábitos, cobrando autoridades responsáveis por políticas e ações públicas de conservação e apoiando cada vez mais o trabalho de profissionais que atuam buscando esse objetivo. Para conhecer mais sobre o trabalho do nosso entrevistado, visitem seu canal no Youtube — "Gabriel Marchi Wildlife" — e aproveitem as belezas de imagens da nossa Mata Atlântica.

# ANIMAIS DA MATA ATLÂNTICA

Mico-leão-de-cara-preta  
*Leontopithecus caissara*

Tucano-de-bico-verde  
*Ramphastos dicolorus*

Onça-parda  
*Puma concolor*

Mão-pelada  
*Procyon cancrivorus*

Colhereiro  
*Platalea ajaja*

Tatu-galinha  
*Dasypus novemcinctus*

Caninana  
*Spilotes pullatus*

Gambá-de-orelha-preta  
*Didelphis aurita*

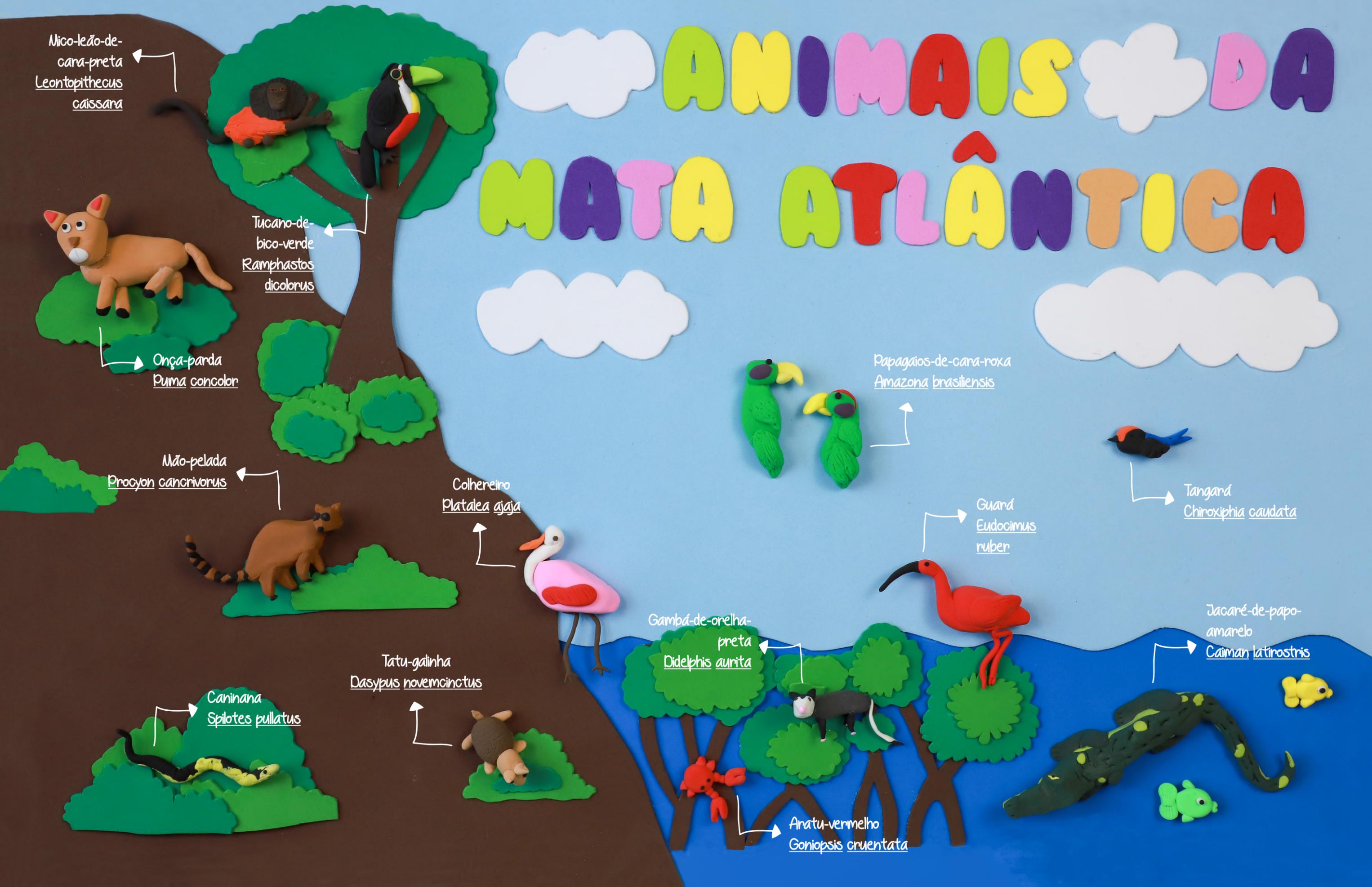
Aratu-vermelho  
*Goniopsis cruentata*

Papagaios-de-cara-roxa  
*Amazona brasiliensis*

Guará  
*Eudocimus ruber*

Tangará  
*Chiroxiphia caudata*

Jacaré-de-papo-amarelo  
*Caiman latirostris*



# Você conhece os animais da Mata Atlântica?

Por Ana América L. S. X. Nardes, Ana Carolina Rodrigues Pereira, Juan Pedro L. K. Fonseca, Kailaine Camargo, Letícia Rodrigues de Oliveira Pires, Lívia Lopes Filholino Oliveira, Maria Clara Aparecida Alves, Nathalia Maria Pontes, Vitória Caroline Alves De Barros, Wivian Aparecida Barreto Mendes • Jovens Pesquisadores do Instituto de Pesquisas Cananéia - IPeC



## JACARÉ-DE-PAPO-AMARELO

O jacaré-de-papo-amarelo é um réptil muito comum na região Sul, Sudeste e Nordeste, sendo comumente encontrado em mangues, rios, brejos, lagos e lagoas. Na fase adulta pode atingir pouco mais de 2 metros e possuir coloração verde oliva. Sua alimentação consiste, principalmente, de insetos e moluscos.



## CARANGUEJOS

Os caranguejos são crustáceos que vivem preferencialmente nas áreas de mangue. Esses animais se alimentam de peixes e algumas matérias vegetais. O seu corpo é totalmente protegido por uma carapaça, possui cor vermelha e alguns podem ter as garras azuis.



## COLHEREIRO

O colhereiro é uma ave que possui um bico grande em formato de colher e habita áreas neotrópicas, como manguezais, praias lamacentas, locais alagados e pantanais. É mais comum encontrá-lo no Sul dos EUA, Argentina e grande parte no Brasil, principalmente na região Sul. A sua alimentação é composta por pequenos peixes, insetos, moluscos e crustáceos. Por conta dessa alimentação, ao longo da vida o colhereiro vai obtendo uma cor rosada devido a pigmentação presente nesses animais.



## PAPAGAIO-DE-CARA-ROXA

O papagaio-de-cara-roxa mede cerca de 36 centímetros de comprimento. A maior parte das suas penas são de cor verde, sua testa e loros são vermelhos, vértice e garganta arroxeados, lados da cabeça azuis e o bico cor-de-chifre. A maior distribuição da espécie ocorre no Brasil, principalmente na Mata Atlântica, no Litoral Sul do Estado de São Paulo e Paraná. Os casais de papagaios-de-cara-roxa sempre voam juntos e vivem juntos durante um longo tempo da vida.



## GUARÁ

O guará é uma ave originária do continente americano e seu comprimento costuma oscilar entre 56 e 61 centímetros. O longo, fino e torto bico é utilizado para procurar comida em lugares lamacentos. As penas do adulto têm cor vermelha brilhante (que fica cada vez mais vibrante na medida em que a ave envelhece) em ambos os sexos. Da mesma forma que acontece com os flamingos, a coloração vermelha dos guarás é oriunda do pigmento dos crustáceos dos quais ele se alimenta.



## TUCANO-DE-BICO-VERDE

O tucano-de-bico-verde alimenta-se de frutos de palmitos, outras frutas, artrópodes, pequenos vertebrados e, com frequência, de filhotes e ovos em ninhos de outras aves. Vive em áreas florestadas, desde o litoral até as zonas montanhosas. Tem cerca de 42 a 48 centímetros, boa parte desse tamanho é o bico. Pesa em torno de 265 a 400 gramas.



## CANINANA

A cobra caninana pode atingir cerca de 2,5 metros de comprimento e é bastante rápida e ágil. Apesar da fama de ser uma cobra brava, está longe de ser perigosa. Ela geralmente é mansa, podendo fugir quando avistada. Essa espécie possui a cor da pele amarelada com grandes manchas pretas. Possui uma dentição áglifa, ou seja, que não possui presas inoculadoras de veneno, ela pode até morder, mas essa espécie não é peçonhenta.



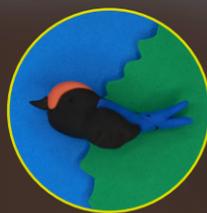
## ONÇA-PARDA

A onça-parda tem pelagem macia de coloração acastanhada por todo o corpo, com exceção da região ventral que é mais clara. Os filhotes nascem com pintas pretas e olhos azuis. O tamanho e o peso variam conforme a região de ocorrência. É um animal de corpo delicado e alongado, o que lhe dá muita agilidade. Pode saltar do chão para uma árvore em um só pulo a uma altura de 5,5 metros. São animais de hábito solitário, tendo maior atividade ao entardecer e à noite. São carnívoros, alimentando-se de animais silvestres de pequeno porte.



## TATU

Os tatus são onívoros, comem todos os tipos de vegetais, como grãos, folhagens, legumes, frutas e pequenos insetos como formigas e cupins. Seus membros são curtos e fortes, com grandes unhas nas extremidades adaptadas para escavar. O tórax e o abdômen são robustos e atarracados e a cabeça é pequena. O tamanho das espécies varia, indo do menor tatu, o tatu-fada-rosa, que alcança no máximo 15 centímetros de comprimento e 120 gramas de peso, até o imponente tatu-canastra, que pode ultrapassar um metro de comprimento e pesar mais de 60 quilos.



### TANGARÁ

O tangará geralmente chega a 13 centímetros de comprimento. O macho chama atenção por sua cor azul-celeste, cabeça vermelha e rabo preto, destacando-se em meio ao verde das folhas. Já a fêmea, por ser verde, acaba se camuflando entre as folhas. É uma espécie onívora que come tanto insetos quanto sementes. O mais interessante em relação a reprodução é o período anterior, pré-nupcial, quando uma congregação de machos faz uma espécie de “balé”, do qual adultos e jovens dançam, saltitam e cantam, em paralelo com o bater de asas e bicos, ao redor da fêmea que olha atenta, constituindo um espetáculo à parte.



### MICO-LEÃO-DE-CARA-PRETA

O mico-leão-de-cara-preta é um primata com pelagem dourada no dorso e no tórax, apresentando face, juba, mãos, pés, antebraço e cauda pretos. Vive em grupos familiares de cinco indivíduos, utilizando ocos de árvores e bromélias como abrigo. Sua alimentação consiste basicamente em insetos e frutos. A fêmea possui uma gestação por ano, com nascimento de dois filhotes. Comunica-se através de assovios muito agudos que são ouvidos à distância. É territorialista e muito sensível às mudanças do ambiente.



### GAMBÁ-DE-ORELHA-PRETA

O gambá-de-orelha-preta, também conhecido como saruê, é uma espécie de gambá que habita o Brasil, Argentina e Paraguai. Possui, em média, 37 centímetros de comprimento no corpo e 33 centímetros de cauda. Por esse motivo, é uma das maiores espécies de marsupiais no Brasil. Pesa entre 1,3 e 1,5 quilos, sendo a fêmea ligeiramente mais leve e menor. Sua coloração é cinza ou preta, com uma camada de sobrepelo com pontas brancas. É onívoro e se alimenta de artrópodes, pequenos vertebrados (roedores, aves e lagartos) e frutos.



Fotos: acervo IPeC

Foto: Clarissa Teixeira

# Um olho na pandemia e... o outro nas aves!

Por Clarissa Ribeiro Teixeira e Mariane Barbosa Santos Novelli

O termo “biofilia”, cunhado pelo biólogo naturalista Edward Wilson, se refere à tendência natural dos seres humanos em voltar suas atenções à natureza e a outros seres vivos. Atualmente, esse termo pode ser evidenciado através da observação de aves (“birdwatching”), a qual tem como intuito observar diferentes espécies em seu habitat natural. Essa atividade surgiu inicialmente na Inglaterra, ainda no século XVIII, onde vem sendo realizada de forma expressiva como uma atividade de lazer e descontração.

O Brasil hoje lidera o “ranking” dos países com maior riqueza de aves no mundo e conta atualmente com mais de 1.919 espécies. Na Mata Atlântica, por exemplo, há mais de 600 espécies de aves conhecidas, sendo que destas, 160 espécies são consideradas endêmicas, como é o caso da saíra-sete-cores *Tangara seledon* e do tiê-sangue *Ramphocelus bresilius*. Mesmo com essa riqueza, a prática de observação de aves no Brasil esteve por muito tempo vinculada a grupos específicos, como associações de observadores, criadores e pesquisadores científicos. Mas parece que o cenário brasileiro está mudando, mesmo que temporariamente.

Devido à pandemia causada pelo COVID-19 em 2020, os brasileiros vivenciaram algo até então sem precedentes: tivemos que reduzir drasticamente nossas interações sociais, ao mesmo tempo que, para muitos, o trabalho e a rotina de exercícios e lazer foram reduzidos ao espaço interno de suas residências. Com a extensão do período que, a princípio, era de dias ou semanas, mas se prolongou para mais de um ano, os canteiros urbanos arborizados, parques/córregos, condomínios e até mesmo quintais cercados de vegetação ciliar que permitem um fluxo de fauna, deram espaço a uma nova atividade de lazer: a observação de aves!

Para muitos, a solução encontrada para poder observar esses animais é atraí-los por meio da instalação de comedouros e bebedouros em suas casas. Essa atividade é geralmente mais realizada no inverno, uma vez que nesse período de maior escassez de alimentos na natureza, as aves precisam de nutrição constante para suprir o elevado gasto energético. Então, para que consigam manter sua temperatura corporal e, para nossa alegria, as aves passam a frequentar ainda mais os comedouros.

Essa atividade traz consigo inúmeros benefícios para quem está praticando, sendo inclusive considerada por muitos como uma terapia natural capaz de combater a ansiedade, aumentar a capacidade de atenção e estímulo dos sentidos (audição e visão), além de proporcionar maior contato com a natureza. Há, também, diferentes tipos de observadores: aqueles que gostam apenas de “passarinhar” (uma expressão usada por quem pratica a observação) e ter contato com a natureza; e há aqueles que gostam de fotografar o máximo de espécies possível e querem fazer fotos bonitas, com uma técnica mais profis-

sional.

Por estarem amplamente distribuídos geograficamente, os observadores de aves podem, ainda, fornecer dados valiosos para a comunidade científica, colaborando para responder questões biológicas e ecológicas de diversas espécies de aves. Chamamos isso de **Ciência Cidadã** ou **Ciência Colaborativa**. Um dos canais mais conhecidos para a disponibilização dessas informações é o **WikiAves** ([www.wikiaves.com.br](http://www.wikiaves.com.br)), um site de conteúdo interativo, direcionado à comunidade brasileira de observadores de aves de todo o país. A Ciência Cidadã tem sido notavelmente importante no avanço do conhecimento científico sobre distribuição e ocorrência de espécies de aves, migrações e monitoramento de espécies ameaçadas de extinção. Se após ler isso você também se interessar em passarinho, deixamos, a seguir, algumas dicas importantes de como preparar comedouros.

Foto: Cristine Prates



# Como preparar comedouros para atrair aves

Por Cristine da Silveira Figueiredo Prates

## 1 - DEFINA O LOCAL ONDE O COMEDOURO SERÁ INSTALADO

Procure um local em sua casa/apartamento onde você costuma avistar aves; esse local deve estar obrigatoriamente longe do alcance dos animais domésticos (caso tenha gatos em casa, tenha atenção redobrada). Dê preferência a locais abertos onde as aves possam avistar o comedouro com maior facilidade; quando as aves começarem a frequentar o comedouro você conseguirá mudar de local mais facilmente.



## 2 - ESCOLHA O ALIMENTO

Quanto maior a variedade de alimentos ofertada, maior será a probabilidade de diferentes espécies frequentarem o seu comedouro. Você pode oferecer néctar (solução de água com açúcar branco, proporção 5/1) para os beija-flores e cambacicas em bebedouros encontrados em casas rurais ou “pet shop”. Começar pelo bebedouro pode aumentar as chances de avistagem, uma vez que os beija-flores costumam detectar os bebedouros primeiro e com a movimentação deles outras aves curiosas podem ser atraídas. **Frutas maduras** (nem passadas, nem verdes): banana, laranja, maçã,

mamão, abacate, pitanga, etc. Basta cortar a fruta ao meio, preservando a casca, e colocá-la no comedouro com a polpa voltada para cima. Comece aos poucos para evitar o desperdício, com  $\frac{1}{4}$  de banana ou  $\frac{1}{4}$  de mamão, por exemplo. Isto porque os pássaros podem demorar um pouco para frequentar o seu jardim, mas depois que começarem continuarão por muito tempo. Então insista, limpando o comedouro e trocando a oferta de comida diariamente, mesmo que nenhum pássaro tenha aparecido. Você pode oferecer frutas espetadas em galhos, dispostos em pratinhos, ou utilizar troncos mortos para deixar a estrutura do comedouro mais similar à natureza. Banana, manga e mamão são as frutas que fazem mais sucesso. No caso do mamão, é importante retirar as sementes, pois possuem grande teor de gordura para as aves. Além disso, o mamão é uma fruta exótica e ofertá-la com sementes pode auxiliar em sua dispersão. A oferta de grãos pode ser feita no chão, uma vez que muitas aves granívoras têm o costume de comer no solo ou dentro de potes; tente oferecer um mix diferente de sementes. **Importante:** caso tenha animais domésticos não dispor de sementes no chão. Plante espécies de plantas que atraem as aves, dando sempre preferência às espécies nativas, como goiaba, maracujá e jabuticaba. **Em hipótese alguma** ofereça comida cozida e temperada para as aves, apenas frutas e sementes in natura.



## 3 - OFEREÇA ÁGUA

As aves podem ter dificuldade de encontrar locais com água limpa para beber e tomar banho durante épocas de estiagem. Assim, uma bacia não muito funda com água pode ser um ótimo atrativo.

## 4 - SEJA PERSISTENTE E PACIENTE

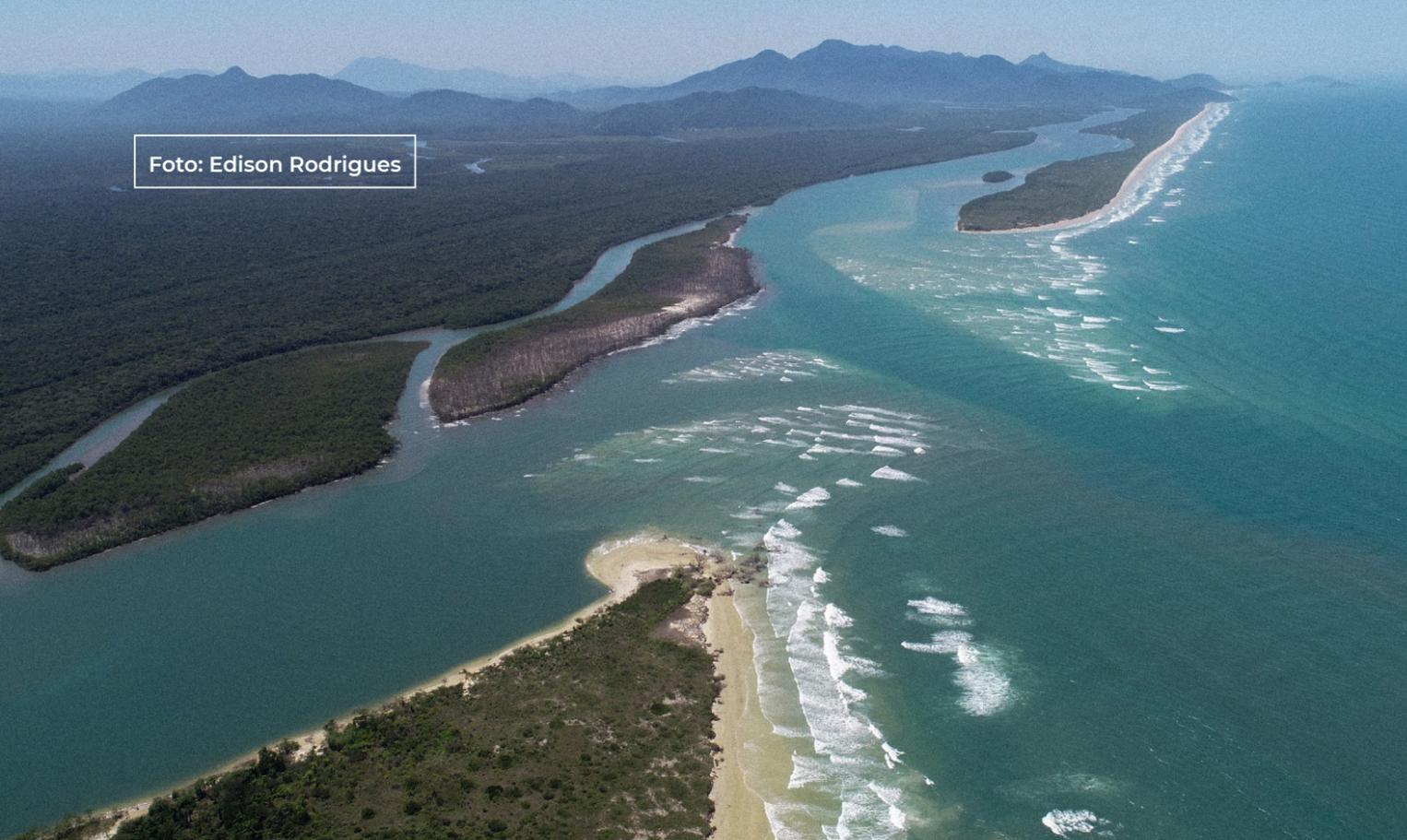
O segredo de um comedouro ativo com muitas aves é a frequência da oferta de alimentos e a paciência até que as primeiras aves apareçam, então não desista! Uma dica é usar pedaços pequenos de frutas nos primeiros dias para evitar desperdício, pois pode levar algum tempo (mais de um mês) para a primeira ave frequentar o seu comedouro. Mesmo assim, continue colocando um pedacinho pequeno todos os dias.



## 5 - MANTENHA TUDO LIMPO

Atrair aves é uma atividade incrível, mas que requer grande cuidado e responsabilidade para não prejudicar os animais. Limpe diariamente os comedouros e bebedouros utilizando sabão neutro e troque a água ofertada para banho todos os dias.

Foto: Edison Rodrigues



# A NOVA BARRA DE CANANÉIA E AS MUDANÇAS SOCIOAMBIENTAIS NO AMBIENTE

Por *Silvia Zambuzi*

No final de agosto de 2018, um processo erosivo que já acontecia há décadas finalmente culminou na abertura de uma nova barra no Canal de Ararapira, alterando o ambiente nas proximidades da divisa entre os estados de São Paulo e Paraná. O fenômeno geográfico ocorreu na Ilha do Cardoso, localizada no município de Cananéia. Na porção mais ao sul da ilha, há um estreitamento da faixa de terra que separa o mar das águas abrigadas do estuário, formando o que é chamado de cordão arenoso.

As comunidades caiçaras locais foram percebendo, ao longo das décadas, que a erosão nes-

se cordão de dunas se acentuava cada vez mais. Os relatos dos moradores indicam que houve intensificação desses processos erosivos após a abertura do Canal do Varadouro, na década de 1940, utilizado para ligar estrategicamente as cidades de Cananéia-SP a Paranaguá-PR por águas internas, sem o acesso ao mar aberto. Geograficamente, é possível que o fato tenha alterado as características das correntes estuarinas e lagunares, a força das marés e a deposição dos sedimentos em toda a região, entretanto, não ocorreram pesquisas relativas ao tema naquele período.

O conhecimento científico se alinhou ao

conhecimento tradicional em 2009, quando diversas pesquisas realizadas por estudantes e acadêmicos do Departamento de Geologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR) também alertaram para as alterações na região em relação às modificações das características das barras, mas especificamente na Barra do Ararapira, onde o efeito erosivo das marés dentro do estuário passaram a estreitar um istmo (porção estreita de areia entre o mar e o canal) que ficava próximo à comunidade da Enseada da Baleia, uma comunidade que já se preocupava e sofria há anos com o intenso processo erosivo existente nos seus arredores. As pesquisas apontavam que essa faixa de areia, que até a década de 1980 tinha mais de 100 metros entre a linha de costa da maré e o canal do estuário, poderia se romper em alguns anos, entre 2012 (no pior cenário) e 2033 (no cenário mais otimista), sempre ressaltando os eventos extremos de altas ondas como fundamentais para determinar o rompimento.

De fato, foi uma forte ressaca, no fim de outubro de 2016, que culminou na redução da faixa de areia entre o mar e o canal, a qual passou de 20 metros para um metro de distância em apenas um dia. A partir desse evento, o rompimento da nova barra era iminente e uma questão de tempo. A comunidade da Enseada da Baleia precisava sair com urgência do seu território centenário.

Após uma longa negociação com o Estado, e com o apoio de parceiros, a comunidade iniciou um processo de realocação para um local mais estável e seguro dentro da mesma ilha. A autorização do Estado para a mudança foi necessária, pois desde 1962 a Ilha do Cardoso é considerada uma unidade de conservação estadual.

No fim de agosto de 2018, outro evento de ressacas rompeu definitivamente a faixa de areia, trazendo à tona uma nova ligação entre mar e o Canal de Ararapira. Ele foi tão forte que em poucas horas a abertura já possuía dimensões de alguns metros. Esse fenômeno passou a alterar todas as características da região. Sem o fluxo de água de outrora, a barra anterior, que se encontrava no limite do Estado de São Paulo e do Estado do Paraná, está sendo fechada com o assoreamento, enquanto o aumento do fluxo de água salgada e areia na área da nova barra compromete toda a

porção de manguezal do entorno, que aos poucos se transforma em um outro ambiente.

As mudanças geográficas e ambientais afetaram diretamente a vida de quem convive e se relaciona com esse ambiente, especialmente as comunidades tradicionais do entorno. Além da necessidade de realocação para outras áreas, as comunidades precisaram lidar e entender as mudanças nas correntes marinhas e lagunares para percorrerem com suas pequenas embarcações e enfrentar as mudanças na pesca, uma vez que o fluxo habitual das espécies pescadas foi completamente alterado. O mesmo ocorreu com a extração para consumo de mariscos, ostras, berbigões e caranguejos, que sofreram com a mudança desse ambiente e tornaram-se ausentes nos locais onde antes eram fartos, comprometendo a principal atividade econômica comunitária.

As diversas dificuldades emocionais e econômicas pelas quais as comunidades do entorno passaram, e ainda passam, para lidar com tamanhas mudanças, vêm acompanhadas da resiliência de quem, por fim, confia na natureza e no seu poder de adaptação para também se ajustarem a ela. Os novos ambientes e seus processos de modificação na Ilha do Cardoso são constantes, sobretudo com o aumento de eventos climáticos extremos causados pelas mudanças climáticas. Por isso, a tendência é que episódios como esse sejam cada vez mais intensos, embora com menores transformações socioambientais.

Atualmente, a nova barra está mais estabilizada, com aproximadamente dois quilômetros. Entretanto, seu ambiente está em constante mudança geográfica e agora sendo observada de perto por especialistas e, principalmente, pelos moradores locais.



Foto: Carolina K. Henriques

Foto: Mariana Landis



# O PROGRAMA GRANDES MAMÍFEROS DA SERRA DO MAR

Bianca Ingberman e Roberto Fusco • Pesquisadores do Instituto de Pesquisas Cananéia - IPeC

Unindo os estados de São Paulo e Paraná temos a majestosa Serra do Mar, com uma floresta exuberante guardando o que restou de nossa Mata Atlântica. Juntinho dela, temos a parte costeira, conhecida como Lagamar, que além de uma paisagem única, com o mar e as montanhas de fundo, é um dos cinco estuários mais preservados do mundo. Esse pedacinho de natureza é o lar de muitas espécies de mamíferos que contribuem para o equilíbrio do ecossistema, fundamental para a nossa sobrevivência, como a alta qualidade do ar, disponibilidade hídrica e regulação do clima.

As pesquisas de nossa equipe nessa região datam de um longo tempo... Tudo começou em 2003, com o pesquisador Roberto Fusco indo a Cananéia participar do Projeto Carnívoros do IPeC. Após concluir o estágio no projeto, Roberto desenvolveu seu mestrado estudando as jaguatiricas no Parque Estadual Ilha do Cardoso. A pesquisadora Bianca Ingberman também começou assim. Foi a Cananéia em 2004 para iniciar seus trabalhos e estudou os bugios na Ilha do Cardoso. Os dois pesquisadores começaram a trabalhar juntos e expandiram os estudos para a região da Serra do Mar do

Estado do Paraná com toda a comunidade de mamíferos de médio e grande porte.

Ao longo de 15 anos de pesquisas realizadas nessa região, descobrimos que, infelizmente, os grandes mamíferos, como a anta (*Tapirus terrestris*), o queixada (*Tayassu pecari*) e a onça-pintada (*Panthera onca*), só estavam em locais mais elevados e remotos, deixando muitas áreas de floresta vazias de grandes mamíferos, inclusive dentro de Unidades de Conservação.

“A preocupação com a ausência desses animais é pela viabilidade das espécies em longo prazo, que já estão ameaçadas de extinção. É um sinal de alerta. Grandes mamíferos necessitam de áreas extensas para sobreviver, são extremamente vulneráveis à destruição do ambiente e a pressão de caça, sendo os primeiros a desaparecerem. A proposta, portanto, é oferecer dados robustos e de qualidade, que indiquem onde essas espécies estão, se elas estão diminuindo ou aumentando e como estão ocupando o território”, explica Fusco.

Foi assim que entendemos que precisávamos estudar em larga escala, avançar os limites das Unidades de Conservação e dos estados,



Foto: acervo do programa

Legenda: pegadas de jaguatirica (*Leopardus pardalis*).



Foto: acervo do programa

olhando para toda a região como um único bloco de floresta. Então, nos unimos ao Instituto Manacá e criamos, no ano de 2018, o Programa Grandes Mamíferos da Serra do Mar, que tem como objetivo implementar o monitoramento de grandes mamíferos em larga escala promovendo a união e integração nas ações de proteção e manejo dessas espécies, assim como sensibilizar a sociedade civil da importância da Grande Reserva Mata Atlântica na conservação da vida selvagem.

O diferencial do programa é o monitoramento em larga escala, são 17 mil km<sup>2</sup> de atuação nos estados de São Paulo e Paraná (para se ter ideia da dimensão, a área monitorada é equivalente a 77% do Estado de Sergipe), que integram o território da Grande Reserva da Mata Atlântica, uma iniciativa para promover a valorização e conservação do maior remanescente contínuo de Floresta Atlântica preservada do país.

Para desenvolver o trabalho, nós atuamos em quatro frentes de ação: monitoramento, com coleta de dados de maneira científica e sistemática; planejamento de conservação, para apoiar os gestores de Unidades de Conservação e secretários de Meio Ambiente a tomarem decisões nas ações de proteção e manejo; sensibilização, através das redes sociais, que com conteúdo sobre conservação e linguagem acessível para toda sociedade civil visa a gerar mais conhecimento e valorização da fauna nativa da Mata Atlântica; e, por fim, Rede de Monitoramento, uma estratégia de ação multi-institucional e colaborativa, que visa a integrar e fortalecer os esforços existentes de conservação na região.

De 2018 para cá podemos destacar alguns resultados que tivemos a partir do trabalho que estamos desenvolvendo no programa. Um deles foi o registro inédito em imagem, feito em 2018, de um casal de onças-pintadas na região da Serra do Mar no Estado do Paraná, região que antes era considerada não ocupada por esse animal, pois o último registro documentado era de 20 anos atrás. Esse registro, que conseguimos com a ajuda de um morador da comunidade local, muda o cenário de conservação da espécie na Mata Atlântica. Primeiro por mudar o status da região de não ocupada para ocupada, o que aumenta o conhecimento da área ocupada por onças-pintadas em 9%; e segun-

do, por termos macho e fêmea na mesma imagem, o que mostra que essa é uma área prioritária para a conservação da espécie, que junto a Serra do Mar Paulista, torna esse contínuo a maior área prioritária para a conservação da onça-pintada no bioma.

Ainda falando de onça-pintada, este ano, um de nossos membros da Rede de Monitoramento registrou em sua armadilha fotográfica na Serra do Mar Paranaense um filhote junto a sua mãe. Outra “descoberta” foi a de filhotes gêmeos de anta na natureza, pela bióloga e pesquisadora Mariana Landis do Instituto Manacá e uma das coordenadoras do nosso programa. A surpresa é porque o evento é extremamente raro, por se tratar de uma espécie grande e preparada para gerar apenas um filhote. E a animação é porque os filhotes já têm cerca de um ano e meio. Para essa família a sorte foi tripla, começando pela mãe, que resistiu a gravidez e depois conseguiu cuidar dos filhotes com necessidades de alimento em dobro, sem abandonar os pequenos. Mariana Landis relaciona o sucesso da ninhada à qualidade da floresta da região onde os filhotes vivem, que provê os recursos (alimentação, água e proteção) necessários para sobrevivência e saúde.

Sabemos que temos um grande desafio pela frente, mas com a união de esforços de pessoas e instituições o caminho será mais fácil. Aqui destacamos o apoio das comunidades locais onde atuamos, que tem sido fundamental para o nosso trabalho.

Ficou curioso para conhecer outros resultados? É só nos acompanhar em nossas redes sociais. Também estamos no site e nas redes sociais do IPeC divulgando cada descoberta e dividindo conhecimento.

Utilize a  
câmera do seu celular  
para ler o QR code e  
acessar as redes sociais  
do programa!



Foto: Mariana Landis

PROJETO  
**BOTOCINZA**  
IpeC



# Grande Encontro

ANIMAÇÃO DA MÚSICA DE BELL BANDEIRA

No canal do YouTube do IpeC:  
[www.youtube.com/ipecpesquisas](http://www.youtube.com/ipecpesquisas)

ZOOM

# De olho no Manguezal

Por Julia Cavalli Pierry • Foto: Eric Medeiros

Chegamos ao final desta edição! Foram tantas informações incríveis sobre a Mata Atlântica e seus habitats, como os manguezais. Já não é novidade pra ninguém que esse ambiente é de extrema importância para a sobrevivência de muitas espécies. Os manguezais são fundamentais para o equilíbrio ecológico da Mata Atlântica, seja como um berçário para peixes e crustáceos ou como um ambiente que fornece proteção e alimento para aves e mamíferos, inclusive os humanos.

Aqui no Complexo Estuarino Lagunar de Cananéia temos o privilégio de poder observar algumas espécies incríveis utilizando o manguezal. O próprio boto-cinza tem suas vantagens morando perto desse ambiente, já que algumas espécies das quais ele se alimenta dependem diretamente desse ambiente para nascer. Já o colhereiro, aquela ave cor-de-rosa que tem um bico especial em formato de colher, se alimenta justamente nessa região. Quando a maré baixa, é comum ver essas aves caminhando na beirada das raízes do mangue, abocanhando um tanto de areia lodosa e sacudindo o bico para filtrar seu alimento. Além disso, a presença dessa espécie é sempre um ótimo indicativo, por não suportar condições ambientais ruins, o colhereiro é uma espécie bioindicadora, ou seja, que nos indica que um ambiente está bem conservado simplesmente por estar ali.

Por falar em belas aves, aqui em Cananéia também é comum encontrarmos grupos de guarás cintilando o vermelho de suas penas no céu azul. Os guarás se reproduzem nos manguezais, formando grandes ninhais nas copas das árvores de mangue. Essa, com certeza, é uma cena memorá-

vel de presenciar, já que é na temporada reprodutiva da espécie que eles estão com sua coloração vermelha mais forte, causando um lindo contraste com o verde das árvores.

E que árvores interessantes essas do manguezal! Os famosos mangues, com suas raízes expostas para cima da terra, sempre chamam a nossa atenção. Ao longo do estuário é possível reparar na variação dessas espécies vegetais, que na porção norte são bem maiores e mais abundantes que na porção sul.

Não é incrível tentar entender as interações de diferentes espécies com um ambiente tão rico e diverso? Essas interações, com seus complexos comportamentos, são desenvolvidas ao longo de milhares de anos com base em tentativas, sucessos e fracassos. Assim, a conservação do manguezal, do estuário e de todo o contínuo de Mata Atlântica que engloba esses ecossistemas é de extrema importância para que isso possa continuar acontecendo. Se ampliarmos nossa percepção para todas as espécies que dependem desse ambiente para suas interações, reprodução, alimentação, proteção e desenvolvimento de inúmeros outros comportamentos, fica ainda mais evidente a importância da conservação dos manguezais.

Muito obrigada por nos acompanhar até aqui. Convidamos você para continuarmos esta conversa na próxima edição da Revista Expedição, onde nosso assunto principal será justamente este: os manguezais. Enquanto isso, fique por dentro das nossas atividades acessando nosso site ([www.ipepesquisas.org.br](http://www.ipepesquisas.org.br)) e nossa página no Instagram (@projetobotocinza). Até a próxima!



# Sugestões para Ler, Ver e Ouvir

Por • Foto: Everson Gelasko

## DOCUMENTÁRIO

### PROFESSOR POLVO

**Direção:** Pippa Ehrlich; James Reed  
**Produção:** Jonathan Hughes  
**Ano:** 2020

Ganhador do Oscar de Melhor documentário de Longa-Metragem, o filme mostra a inesperada amizade entre um polvo e um cinegrafista na costa da África do Sul. Acompanhando seus movimentos por meses a fio, Craig Foster cria um forte vínculo com o animal, passando a considerá-lo como seu professor.

## INSTAGRAM

### @ANNECATADORA

Anne Caroline é uma catadora de materiais recicláveis que mostra seu cotidiano e os desafios que enfrenta tanto no âmbito de políticas públicas quanto de preconceitos da sociedade. Acompanhar o seu feed é receber uma aula sobre questões ambientais e sociais. Atualmente é estudante de jornalismo e criadora da @perfum.a.dor, uma iniciativa de resgate da dignidade de mulheres em situação vulnerável. Vale a pena conferir o trabalho dessa grande empreendedora e cidadã consciente!

## SÉRIE

### O SEGREDO DAS BALEIAS

**Direção:** Brian Armstrong  
**Produção:** James Cameron  
**Ano:** 2021

A série foi filmada em 24 localidades ao redor do mundo durante três anos, com o objetivo de revelar os mais incríveis segredos das baleias, desde como fazem amizades que duram a vida toda, até como herdaram as tradições entre as gerações.

## CLIQUE E MÚSICA

### CANÇÃO PARA FAUNA E FLORA

**Autor:** Palavra Cantada (part. Maria Gadú)  
**Ano:** 2021

Uma rica homenagem e também um alerta para a importância de preservarmos os principais biomas nacionais: Floresta Amazônica, Mata Atlântica, Cerrado e Pantanal. Palavra Cantada, Maria Gadú e diversos parceiros que carregam o amor pelo meio ambiente, fizeram essa canção maravilhosa, que tem como propósito ressaltar a riqueza do patrimônio ambiental brasileiro.

